

THOMAS
SOWELL

AUTOR DE
*ECONOMIA
BÁSICA*

FALÁCIAS
DA JUSTIÇA
SOCIAL



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

Capítulo 1	
FALÁCIAS DE “OPORTUNIDADES IGUAIS”	1
Capítulo 2	
FALÁCIAS RACIAIS	27
Capítulo 3	
FALÁCIAS DAS PEÇAS DE XADREZ	59
Capítulo 4	
FALÁCIAS DO CONHECIMENTO	87
Capítulo 5	
PALAVRAS, AÇÕES E PERIGOS	123
NOTAS	159
ÍNDICE	211

Capítulo 1

FALÁCIAS DE “OPORTUNIDADES IGUAIS”

No século XVIII, Jean-Jacques Rousseau expressou a essência da ideia de justiça social quando escreveu sobre “a igualdade que a natureza estabeleceu entre os homens e a desigualdade que eles instituíram entre si”.¹ No mundo vislumbrado por Rousseau, todas as classes, raças e outras subdivisões da espécie humana teriam as mesmas chances em todos os tipos de esforços — *se todos os outros fatores fossem iguais*. Mas quanto mais coisas houver influenciando os resultados, menores serão as chances de todas essas coisas serem iguais.

No mundo real, raramente acontece algo parecido com resultados iguais que poderiam ser esperados se todos os fatores que afetam esses resultados fossem os mesmos para todos. Mesmo em uma sociedade com oportunidades iguais — no sentido de julgar cada pessoa segundo os mesmos padrões —, pessoas com origens diferentes não *querem* necessariamente fazer as mesmas coisas, mui-

to menos investir seu tempo e sua energia no desenvolvimento dos mesmos tipos de habilidades e talentos.

Nos esportes norte-americanos, por exemplo, há uma super-representação de jogadores negros no basquete profissional, de jogadores brancos no tênis profissional e hispânicos na Major League Baseball. No hóquei profissional, esporte que tem mais times nos Estados Unidos do que no Canadá, há mais jogadores canadenses do que norte-americanos — embora a população dos Estados Unidos seja mais de oito vezes maior do que a do Canadá. Também há mais jogadores de hóquei da Suécia — que fica a quase 6.500km de distância dos EUA — na National Hockey League do que da Califórnia, embora a população da Califórnia seja quase quatro vezes maior do que a da Suécia.²

As diferenças climáticas estão entre as muitas outras coisas que não são iguais. Nas regiões de climas mais frios, em que os cursos d'água permanecem congelados durante meses a fio, há mais oportunidades para que mais pessoas desenvolvam habilidades de patinação no gelo, essenciais para jogar hóquei. No Canadá e na Suécia, há um predomínio desse tipo de clima, mais do que nos Estados Unidos em geral, ou na Califórnia em particular.

Portanto, as diferenças climáticas estão entre as inúmeras outras diferenças que podem facilitar o desenvolvimento de algumas capacidades em determinadas populações e impedir o desenvolvimento de outras.

No cerne da ideia de justiça social está a hipótese de que, como as disparidades econômicas e outras entre os seres humanos excedem em muito quaisquer diferenças em suas capacidades inatas, essas disparidades são evidências ou provas dos efeitos de vícios humanos como a exploração e a discriminação.

Esses vícios estão, de fato, entre as várias influências que impedem que diferentes grupos — sejam de classes, raças ou nações — tenham resultados iguais, ou até mesmo comparáveis, em termos econômicos ou em outros âmbitos. No entanto, os vícios humanos não são a única causa de disparidades econômicas, entre outras.

É especialmente difícil argumentar que se pode automaticamente presumir que as desigualdades apresentadas nos resultados foram causadas pela discriminação de uma maioria dominante contra uma minoria subordinada, quando, na verdade, muitas minorias subordinadas superaram economicamente as maiorias dominantes em diversos países do mundo e em vários períodos da história.

Um estudo sobre o Império Otomano, por exemplo, descobriu que nenhum dos 40 banqueiros privados listados em Istambul em 1912 era turco, embora os turcos governassem o Império. Tampouco nenhum dos 34 corretores de ações de Istambul era turco. Dos ativos de capital de 284 indústrias no Império Otomano, que empregavam 5 ou mais trabalhadores, 50% dessas empresas eram de propriedade de gregos e outros 20% eram de armênios.³

O Império Otomano não é, de maneira alguma, o único exemplo. As minorias raciais ou étnicas que eram proprietárias ou operavam mais da metade de indústrias inteiras em determinadas nações incluíam os chineses na Malásia,⁴ os alemães no Brasil,⁵ os libaneses na África Ocidental,⁶ os judeus na Polônia,⁷ os italianos na Argentina,⁸ os indianos na África Oriental,⁹ os escoceses na Grã-Bretanha,¹⁰ os ibos na Nigéria,¹¹ e os marwaris na Índia.¹²

Por outro lado, podemos ler vários volumes de literatura sobre justiça social sem encontrar um único exemplo de representação proporcional de diferentes grupos em esforços abertos à competição — em qualquer país do mundo atual ou em qualquer momento ao longo dos milhares de anos de história registrada.

Entre os diversos fatores que podem impedir que *potencialidades* humanas iguais gerem *capacidades* igualmente desenvolvidas estão aqueles sobre os quais os seres humanos têm muito pouco controle — como a geografia¹³ — e outros sobre os quais não têm controle algum, como o passado. Existem inúmeros fatores que podem criar chances distintas, alguns dos quais vale a pena analisar em detalhes.

Vamos começar com um exemplo extremamente mundano de uma desigualdade de capacidades mensurável: a maioria das principais marcas de cerveja nos Estados Unidos foi produzida por

pessoas de ascendência alemã.¹⁴ A cerveja Tsingtao, da China, foi igualmente produzida por pessoas de ascendência alemã.¹⁵ Os alemães também têm se destacado entre os produtores de cerveja na Argentina,¹⁶ no Brasil¹⁷ e na Austrália.¹⁸ Na Europa, a Alemanha é, há tempos, o principal produtor de cerveja.¹⁹

Acontece que, na época do Império Romano, os alemães já produziam cerveja.²⁰ Quando determinada população faz algo específico há mais de mil anos, é de se surpreender que ela tenda a ser mais bem-sucedida nesse esforço particular do que outras que não têm esse histórico?

Não estamos discutindo o potencial inato para realizar esforços em geral; estamos falando de *capacidades desenvolvidas* para produzir coisas bastante específicas. Qualquer que tenha sido a combinação de circunstâncias que levou os alemães a começar a fabricar cerveja nos tempos antigos, as habilidades que eles desenvolveram ao longo dos muitos séculos desde então são um fato da vida atual. O mesmo se aplica a outros grupos de pessoas que desenvolveram habilidades especiais em outros esforços específicos no passado. Uma das muitas coisas sobre as quais nenhuma pessoa, instituição e sociedade tem controle é o passado. O passado é irrevogável. E, de acordo com um notável historiador: “Nós não vivemos no passado, mas o passado vive em nós.”²¹

Os alemães não são, de maneira alguma, os únicos que fazem determinadas coisas melhor do que muitos outros povos. Por exemplo, é comum ouvir as pessoas falarem da culinária “francesa” ou “italiana”. No entanto, elas raramente — ou nunca — falam da culinária “alemã” ou da “inglesa”. No entanto, são todas populações de origem europeia. Roma e Berlim estão, mais ou menos, à mesma distância uma da outra do que Nova York e Chicago; enquanto Londres e Paris estão mais próximas uma da outra do que Los Angeles e São Francisco.

A questão que queremos abordar é que, em relação a certos esforços, as circunstâncias podem parecer bastante semelhantes, po-

rém envolvem histórias, culturas e resultados muito diferentes. É comum existir grupos específicos de pessoas com habilidades particulares em determinados tipos de esforços; isso tem acontecido ao longo dos séculos e em países de todo o mundo.²² Mesmo que dois grupos vivam em ambientes nitidamente idênticos atualmente, qual seria a probabilidade de terem tido as mesmas influências do ambiente ao longo de todos os milênios de existência humana?

Há muito tempo, os escoceses são reconhecidos internacionalmente pela qualidade do uísque que produzem, assim como os franceses o são por seus vinhos. No entanto, os escoceses não podem se igualar aos franceses na produção de vinho, porque as uvas que crescem na França não conseguem se desenvolver no clima mais frio da Escócia. Não existe nenhum motivo para esperar que os escoceses se igualem aos franceses na produção de vinho — ou que qualquer um desses povos se iguale aos alemães na produção de cerveja.

Nem raça, nem racismo, nem qualquer outra forma de discriminação é necessária para explicar essas desigualdades recíprocas. Tampouco as pessoas que invocam automaticamente vieses discriminatórios para explicar resultados desiguais conseguiram citar qualquer país, em qualquer lugar do mundo, que tenha tido a representação demográfica proporcional que eles colocaram como critério.

DESIGUALDADES RECÍPROCAS

Embora não seja comum haver resultados iguais em esforços iguais entre diferentes grupos de pessoas, é comum haver *desigualdades recíprocas* entre grupos em esforços diferentes. A igualdade entre diferentes grupos de seres humanos — pressuposta por aqueles que consideram as disparidades nos resultados uma evidência ou prova de preconceito discriminatório — pode muito bem ser verdadeira no que diz respeito às potencialidades inatas. Mas as pessoas não

são contratadas ou pagas por suas potencialidades inatas. Elas são contratadas, pagas, admitidas em faculdades ou aceitas em outros cargos desejados com base em suas *capacidades desenvolvidas*, relevantes para determinado esforço. Nesses termos, as desigualdades recíprocas podem sugerir potencialidades iguais sem fornecer qualquer base para esperar resultados iguais.

No entanto, até mesmo os grupos com atraso em muitos tipos de conquistas tendem a ter alguns esforços específicos em que não apenas conseguem se manter, mas também *se destacar*. Os grupos de pessoas sem formação educacional, por exemplo, podem ficar para trás em muitos outros esforços, para os quais é essencial ter uma formação; no entanto, esses grupos geralmente atrasados muitas vezes se destacam em esforços nos quais o talento pessoal e a dedicação são fatores essenciais. Os esportes e o entretenimento estão entre eles há muito tempo, nos quais grupos norte-americanos que saíram da pobreza, como os irlandeses, os negros e os brancos sulistas, alcançaram grandes conquistas.²³

Embora seja difícil encontrar igualdade entre os grupos, seja em termos de renda ou de capacidade, também é difícil encontrar qualquer grupo étnico, ou outro grupo social grande, que não tenha nenhum esforço em que esteja acima da média.

As desigualdades recíprocas são abundantes, mesmo quando não há igualdade. Conforme vimos, diferentes grupos étnicos dominam esportes norte-americanos distintos. Uma consequência disso é que o grau de desigualdade da representação do grupo nos esportes norte-americanos como um todo não é tão grave quanto em cada esporte individual. Um princípio semelhante se aplica, por motivos semelhantes, em outros esforços, devido a desigualdades recíprocas.

Se olharmos para as pessoas ricas e o histórico no comércio e na indústria, por exemplo, podemos encontrar uma representação muita mais ampla de judeus entre os líderes de varejo, de finanças e da produção e venda de vestuário do que na indústria siderúrgica, na produção de automóveis ou na mineração de carvão.

Assim como ocorre nas profissões, os grupos cuja representação é semelhante nas profissões como um todo podem ter representações diferentes em profissões específicas, como engenharia, medicina ou direito. Não há, necessariamente, uma concentração maior de profissionais asiático-americanos do que de irlandês-americanos exercendo as mesmas profissões.

Devido às desigualdades recíprocas, quanto mais restrito for o esforço, menor será a probabilidade de os diferentes grupos serem representados de maneira comparável. Mesmo assim, os defensores da justiça social frequentemente condenam a representação desigual de grupos em uma empresa individual como evidência ou prova de discriminação por parte do empregador nessa empresa específica.

Quando populações diferentes evoluem de maneira diversa em ambientes e condições extremamente distintas, elas podem desenvolver talentos diferentes que geram desigualdades recíprocas de conquistas em uma ampla gama de esforços sem necessariamente gerar igualdade, ou mesmo comparabilidade, em qualquer um desses esforços. Essas desigualdades recíprocas não corroboram nem as teorias do determinismo genético, nem dos preconceitos discriminatórios como justificativas automáticas para as desigualdades.

Muitas suposições e frases encontradas na literatura sobre o tema justiça social são repetidas incessantemente *sem nenhum teste empírico*. Quando as mulheres estão estatisticamente “sub-representadas” no Vale do Silício, por exemplo, algumas pessoas automaticamente presumem que isso se deve à discriminação sexual por parte dos empregadores daquele local. Acontece que o trabalho realizado nas empresas localizadas nessa região baseia-se na aplicação de habilidades de engenharia, inclusive de software de computadores, e as mulheres norte-americanas representam *menos de 30%* dos graduandos em engenharia, seja em nível universitário ou de pós-graduação.²⁴

Quando os homens norte-americanos representam *menos de 20%* dos graduandos em educação e apenas 22% e 32% dos pós-graduandos em mestrado e doutorado, respectivamente, nessa mesma

área de estudo,²⁵ seria surpreendente o fato de os homens estarem sub-representados na profissão de docente e as mulheres na área de engenharia?

Comparar a representação estatística de mulheres e homens em qualquer uma dessas ocupações é como comparar maçãs e laranjas, um vez que as áreas de ensino são muito diferentes. As decisões relacionadas ao ensino e à especialização em geral são tomadas individualmente, anos antes de as mulheres ou os homens chegarem até um empregador e iniciarem sua carreira profissional.

Uma questão mais geral surge quando a renda das mulheres como um todo é comparada com a dos homens como um todo. Isso deixa de lado muitas diferenças específicas nos padrões de vida de homens e mulheres.²⁶ Uma das diferenças mais básicas é que elas trabalham em tempo integral e durante todo o ano com muito menos frequência do que eles. Os dados do Census Bureau dos EUA mostram que, em 2019, havia 15 milhões de homens a mais do que mulheres trabalhando em tempo integral durante todo o ano.²⁷ Os padrões de trabalho delas incluem mais trabalho em tempo parcial e alguns anos inteiros em que muitas delas ficam totalmente fora da força de trabalho, geralmente por ficarem em casa cuidando de crianças pequenas.²⁸

Quando essas e outras diferenças nos padrões de trabalho são consideradas, as diferenças de renda entre homens e mulheres diminuem drasticamente e, em alguns casos, até se invertem.²⁹ Já em 1971, por exemplo, as mulheres solteiras na faixa dos 30 anos de idade que haviam trabalhado sem intervalos anuais desde que saíram da escola ganhavam um pouco *mais* do que os homens com essa mesma descrição profissional.³⁰

Quando existem diferenças estatísticas na representação de diversos grupos étnicos, os diferentes padrões dentro desses grupos também são frequentemente ignorados. Um exemplo clássico de equiparação de diferenças na representação demográfica com discriminação por parte do empregador foi uma manchete em um jornal de São Francisco:³¹

Por que os negros e os latinos ainda são
excluídos do setor de tecnologia?

Os asiáticos são “excluídos” do basquete profissional ou os californianos o são na NHL? Será que a representação demográfica igualitária é tão difundida ou automática em outros esforços que sua ausência em um esforço específico só pode ser devida ao fato de alguém ter excluído determinadas pessoas?

Assim como no caso das diferenças de sexo na representação demográfica em um esforço na área de engenharia, as diferenças étnicas nas qualificações educacionais para uma carreira nessa área são gritantes. Há mais asiático-americanos com formação universitária em engenharia do que negros ou hispânicos³², sendo que cada um desses grupos supera o número de asiático-americanos na população dos EUA. Em nível de PhD, o número de asiático-americanos com doutorado em engenharia supera o total de negros e hispânicos com doutorado nessa mesma área de ensino.³³

Essa disparidade étnica nos cursos de engenharia não é, de maneira alguma, algo que acontece apenas nos Estados Unidos. Na Malásia, durante a década de 1960, 408 membros da minoria chinesa se formaram em engenharia, comparado a apenas 4 dos membros da maioria malaia.³⁴

Contrastar os esforços de diferentes grupos étnicos, novamente, é o mesmo que comparar maçãs e laranjas em termos de ensino especializado ou outros treinamentos especializados. Nessas circunstâncias, a igualdade de oportunidades — no sentido de aplicar os mesmos padrões a todas as pessoas — não gera resultados iguais, mesmo que ninguém seja “excluído”. Não há como os chineses que estão na Malásia “excluírem” os estudantes malaio em universidades administradas por malaio e sujeitas à autoridade do governo malaio, também administrado por malaio.

O padrão de “impacto díspar”, usado pelos tribunais para determinar a discriminação por parte do empregador, pressupõe implicitamente algo que ninguém parece encontrar em lugar algum: uma

representação demográfica igual de grupos de pessoas diferentes. Diversos estudos acadêmicos internacionais constataram disparidades graves comuns a países do mundo todo.³⁵ Um desses estudos concluiu que: “Em nenhuma sociedade todas as regiões e todas as partes da população se desenvolveram igualmente.”³⁶

No entanto, alguns juízes da Suprema Corte dos Estados Unidos aceitaram as estatísticas de “impacto díspar” como evidência ou prova de discriminação por parte do empregador, embora a própria Suprema Corte tenha apresentado disparidades estatísticas mais extremas do que as utilizadas para acusar os empregadores de discriminação. Por oito anos consecutivos — de 2010 a 2017 — todos os juízes da Suprema Corte eram católicos ou judeus,³⁷ em um país onde o número de protestantes supera o daqueles grupos juntos.³⁸ Contudo, um dos motivos mais óbvios para duvidar de qualquer intenção negativa ou conspiração é que esses juízes foram nomeados por presidentes de ambos os partidos políticos, sendo todos eles protestantes.

Nada disso nega que os preconceitos do empregador sejam um fator que pode ser, e tem sido, responsável por algumas disparidades nos resultados da empregabilidade. Mas o preconceito não é o único responsável por não haver “chances iguais” para todas as pessoas; há muitos aspectos envolvidos.

ORIGENS DAS DESIGUALDADES

A questão de saber se distintos grupos sociais têm capacidades iguais ou não em diversos esforços é muito diferente da questão de saber se as desigualdades raciais ou sexuais criam um potencial mental inerentemente diferente determinado pelos genes. O pressuposto do determinismo genético que reinou sublime entre os intelectuais norte-americanos da era progressista no início do século XX é uma questão

irrelevante nesse contexto, embora seja abordado no Capítulo 2 e tenha sido tratado mais extensivamente em outros lugares.³⁹

Se presumirmos, para fins de argumentação, que todo grupo social — ou mesmo todo indivíduo — tem o mesmo potencial mental no momento de sua concepção, isso ainda não seria suficiente para sequer garantir a mesma “inteligência nativa” no nascimento, muito menos capacidades igualmente desenvolvidas após crescer em circunstâncias desiguais e/ou ser culturalmente orientado para objetivos distintos em áreas diferentes.

Desigualdades Entre Indivíduos

A desigualdade de circunstâncias começa no útero. Pesquisas demonstraram que a variação nutricional entre mulheres grávidas se refletiu em diferenças de QI entre seus filhos no futuro, quando essas crianças tinham idade suficiente para serem testadas.⁴⁰ A ingestão de diversas substâncias por parte das mães pode ter efeitos positivos ou negativos sobre o QI e o bem-estar geral da criança.⁴¹

Mesmo em ambientes que poderíamos razoavelmente esperar encontrar uma maior igualdade de capacidades desenvolvidas — entre crianças nascidas dos mesmos pais e criadas no mesmo lar —, pesquisas que remontam ao século XIX e incluem países de ambos os lados do Atlântico mostraram que os primogênitos apresentam, como um grupo, QIs médios mais altos,⁴² uma taxa mais alta de conclusão de curso superior⁴³ e estão super-representados entre os grandes empreendedores em uma variedade de tipos de esforços.⁴⁴

Nos Estados Unidos, por exemplo, um estudo descobriu que mais da metade dos finalistas da National Merit Scholarship fazia parte de um grupo de filhos primogênitos, mesmo em famílias com cinco filhos, bem como em famílias com dois, três e quatro.⁴⁵ Ou seja, em famílias com cinco filhos, o primogênito era o finalista com mais frequência do que os outros quatro irmãos juntos. Outras medidas de sucesso no ensino ou na carreira também mostraram que o primogê-

nito — e o filho único — está super-representado entre aqueles que têm um melhor desempenho em diversos esforços, tanto em pesquisas nos Estados Unidos quanto em outros países.⁴⁶

O primogênito — ou o filho único — pode ter a atenção exclusiva de ambos os pais durante o desenvolvimento inicial e mais importante da criança. Isso é algo que os irmãos que vêm depois obviamente não conseguem ter. Por outro lado, muitos estudos mostraram que há uma maior incidência de diversos tipos de problemas sociais em crianças criadas com a presença de apenas um dos pais — mais uma vez, tanto nos Estados Unidos quanto em países do outro lado do Atlântico.⁴⁷ Estudos sobre meninos criados sem a presença do pai constataram uma super-representação destes entre as pessoas com patologias que variam de evasão escolar a assassinato.⁴⁸

Segundo um estudo, essas patologias estavam mais altamente correlacionadas com a ausência do pai do que com qualquer outro fator, “superando até mesmo fatores como raça e pobreza”.⁴⁹ A taxa de encarceramento de meninos criados sem pai era maior do que a média, independentemente de serem negros ou brancos, embora a incidência tenha sido maior entre os negros.⁵⁰ Nem todas as diferenças entre raças ocorrem em virtude do fator racial — seja no sentido genético ou de discriminação racial.

Claramente, não havia “chances iguais” para esses meninos, quer eles fossem tratados de maneira justa ou injusta pelas pessoas com quem conviviam nas instituições — desde escolas até departamentos de polícia. A criação por apenas um dos pais é uma situação que afetou negativamente também as meninas, o que se refletiu em taxas mais altas de gravidez na adolescência.⁵¹ Padrões bastante semelhantes de patologia foram encontrados na Inglaterra, onde a composição étnica da população da classe baixa é muito diferente da dos Estados Unidos.⁵² Na Inglaterra, a classe baixa é predominantemente branca, mas apresenta padrões sociais muito semelhantes aos dos negros de baixa renda nos Estados Unidos,⁵³ ainda que a classe baixa inglesa não tenha um “legado de escravidão” para ser usado como justificativa automática.

As crianças norte-americanas que são criadas em diferentes classes sociais, com diferentes práticas de criação, podem ter a chance de se tornarem adultos com capacidades iguais seriamente reduzida. Pesquisas demonstraram que as crianças criadas por pais com ocupações profissionais ouvem três vezes mais palavras por hora do que aquelas criadas em famílias que vivem de assistência social. Além disso, essas palavras são, com muito mais frequência, positivas e encorajadoras quando os pais têm uma profissão e, mais frequentemente, negativas e desanimadoras quando a família está sob os cuidados da assistência social.⁵⁴

Alguém consegue realmente acreditar que as crianças que passam seus anos de formação sendo criadas em lares tão diferentes provavelmente serão iguais às outras na escola, no trabalho ou em qualquer outro ambiente?

Ao colocar as suposições à prova dos fatos, é preciso manter uma distinção clara entre *potencialidades* iguais no início da vida e *capacidades* igualmente *desenvolvidas* mais tarde. Alguns defensores da justiça social podem presumir implicitamente que diversos grupos de pessoas têm capacidades desenvolvidas semelhantes, de modo que resultados diferentes podem parecer intrigantes. Porém, quando se trata de capacidades reais de desempenho, um homem não é nem mesmo igual a si mesmo — física ou mentalmente — em diferentes estágios de sua vida, muito menos igual a todas as outras pessoas em seus diferentes estágios de vida.

Desigualdades Entre Grupos

A falácia aparentemente invencível no cerne da ideia de justiça social é que grandes categorias de pessoas — classes, raças, nações — tenderiam a obter resultados iguais, ou pelo menos comparáveis, nos mais diversos tipos de esforços, não fosse por um viés discriminatório que interveio para criar as enormes disparidades que vemos ao nosso redor.